

Manuel Gusmão: Inédito e Disperso

Manuel Gusmão: Unpublished and Scattered

Manaíra Aires Athayde

Universidade de Coimbra / Capes, Coimbra, Portugal

mana_aires@hotmail.com

Resumo: “Elogio da terceira coisa” não se insere neste dossiê somente como um poema inédito que Manuel Gusmão disponibilizou para o volume. O autor, ao nos conceder três manuscritos, permite-nos estar diante do processo de gênese de sua composição. O nosso intuito é investigar o percurso do poeta até chegar à versão final do poema. Já no caso de “Hoje, num poema de HH”, compararemos uma versão publicada anteriormente e a versão disponibilizada para este dossiê, tentando perceber alguns possíveis diálogos com Guimarães Rosa e Herberto Helder.

Palavras-chave: Manuel Gusmão; poemas inéditos; manuscritos; gênese poética.

Abstract: “Elogio da terceira coisa” is not part of this dossier only as an unpublished poem that Manuel Gusmão provided for this volume. The author, in granting the three manuscripts, allows us to be on the process of genesis of his composition. Our aim is to investigate the pathways of the poet to reach the final version of the poem. In the case of “Hoje, num poema de HH”, we will compare a previously published version of the poem and the version available for this dossier, trying to understand some possible dialogues with Guimarães Rosa and Herberto Helder.

Keywords: Manuel Gusmão; unpublished poems; manuscripts; genesis of the poem.

Recebido em 25 de fevereiro de 2015

Aprovado em 15 de março de 2015

1.

Elogio da terceira coisa

Entre mim e ti há a terceira coisa
aquela que nos une sobre o abismo e nos
põe ao alcance da mão as coisas ainda

sem nome. Quando a multidão sagrada dos
pronomes pessoais nos permite dizer nós contra
o tempo e o vento; *nós* que aos cinco sentidos

acrescentamos os outros; *nós* – a sensibilidade

que imagina o comum – quando uma multidão
deixa de ser um rebanho de escravos para
começar a ser uma multidão de homens

livres. De pé no chão da terra, bebíamos a água
que a luz do sol, cintilando, irisa
Nós que, para além de ti e de mim, somos

a terceira coisa, o fantasma, o espectro
que lhes continua a assolar o mundo
a terceira coisa: a promessa sem garantias
a invenção do incomum que partilha o comum
o comunismo que vem *connosco*
e *para além de nós* recomeça a cantar

“Elogio da terceira coisa” não se insere neste Dossiê somente como um poema inédito (escrito em 2012) que Manuel Gusmão disponibilizou para o volume. O autor nos permitiu estar diante do processo de gênese de sua composição, ao conceder três manuscritos que mostram os caminhos de criação percorridos para chegar à versão final do poema.

O primeiro manuscrito – aqui entendido no conceito dilatado pela crítica genética, compreendendo o testemunho ou documento escrito à mão, datilografado ou impresso que transmite uma versão da obra – aparece escrito à mão, ainda sem título e sem qualquer rasura. Depois, o poema é digitado da mesma maneira como se encontra em sua versão manuscrita, à exceção do último verso, que na versão do poema digitado aparece isolado no desfecho. É nesse segundo documento, com o poema digitado e em seguida impresso, que ocorrem as alterações.

Não podemos prescindir de ressaltar a atitude do poeta em digitar o poema no computador, depois imprimi-lo e só então trabalhar sobre a “matéria” que escreveu inicialmente à mão. Muito se tem dito sobre o impacto do computador na construção do pensamento e na elaboração da escrita. Autores como Hannah Sullivan, Dirk Van Hulle e Pascal Michelucci defendem que o uso de processadores de texto e de outros recursos tecnológicos não leva à negligência ou extinção de versões iniciais, e sim ajuda aos autores a tomarem cada vez mais consciência de que o texto publicado é apenas uma entre várias versões ou instâncias de uma obra. Manuel Gusmão, a exemplo da gênese em “Elogio da terceira coisa”, seria um escritor a corroborar essa perspectiva. Afinal, pedimos-lhe um poema inédito, e ele não só entregou um poema que nunca havia publicado antes, como todos os documentos que registram o processo de composição do poema.

Observamos que nas novas formas de reagrupamento textual que Manuel Gusmão propõe no segundo documento, os versos iniciais do poema são os que possuem mais alterações. O primeiro verso “Entre mim e ti há a terceira coisa” permanece o mesmo em todas as versões, mas os dois versos seguintes mudam acentuadamente. “aquela que nos põe ao alcance da mão” passa a ser “aquela que nos une sobre o abismo nos”, e de seguida “os nomes todos das coisas e as coisas sem nome” se torna “põe ao alcance das mãos as coisas ainda”. A expressão “sem nome” é transposta para o início do verso da segunda estrofe. Esse movimento de *quebra* será repetido nos sete versos subsequentes, em que as seguintes expressões passarão a compor o princípio do verso que antes precediam: “dos pronomes pessoais nos”, “o tempo e o vento”, “acrescentamos os outros”, “que imagina o comum”, “deixa de ser”, “começar a ser”, “livres”.

Assim, as modificações feitas à mão sobre a versão impressa visam como principal efeito o movimento de fragmentação poética. A

leitura fraccionada que o poeta propõe aumenta o poder evocativo do poema, que se refere ao comunismo como “quando uma multidão deixa de ser / um rebanho de escravos para começar a ser / uma assembleia de humanos livres”, conforme se lê. Esse seu exercício de fragmentação em “Elogio da terceira coisa” pode ser visto com implicações de cunho ideológico. Tratar-se-ia de um mundo fragmentado em suas latitudes pós-modernas, onde as informações, as ideias e os pensamentos são organizados em linhas de força heterárquicas. Um mundo no qual, entretanto, nessa nova organização que favorece o enfraquecimento de núcleos ideológicos, o comunismo não desaparece e há sempre espaço para que ele “recomece a cantar” porque, afinal, “vem *connosco*”, está na natureza humana e precisa nela ser reabilitado.

Outras implicações da fragmentação são de âmbito estético. Ao percorrermos os manuscritos, vemos que as repartições das unidades poéticas tem grande importância na lapidação final dos versos. Vemos, inclusive, no terceiro e último manuscrito, que a fracção do poema está pensada a partir das partículas “nós” e “nos” (o “nós” aparece em itálico na versão digitada e sublinhado na versão final escrita à mão; o “nos” ganha evidência na repetição poética, como ocorre logo no segundo verso, quando a nova *quebra* enfatiza-o solitariamente no fim do verso), os tais “pronomes pessoais” de que fala o poema. Eis aqui implicadas as recorrentes ideias em Gusmão de comunidade, de coletivo, de bem comum. A ideia de que essa “terceira coisa” se refere à primeira pessoa do plural: o *nós* ainda relegado a um terceiro plano, a um terceiro mundo quiçá, também seria a única via capaz de tornar o ser humano um indivíduo livre. Quer dizer, parte-se do coletivo para o individual, sendo o “nós” a única via para o “ti” e para o “mim”, outros pronomes pessoais que o poema enfatiza. São todos estes sujeitos em potência de descobrir um “connosco” em si, o último pronome pessoal empregado já no final do poema, indiciando a capacidade que cada um possui de descobrir que traz em si o comunismo necessário à libertação.

Portanto, toda a pontuação do poema, tanto aquela determinada formalmente pelos sinais de pontuação quanto a definida pela organização sintática que pleiteia a *respiração* dos versos, é feita nesse segundo manuscrito digitado, impresso e trabalhado depois de forma manuscrita. Nas duas primeiras vezes que o “nós” surge, é acrescentado anteriormente um ponto-e-vírgula, conferindo evidência ao pronome. A atribuição de um valor enfático também se observa com os travessões inseridos

em “acrescentamos os outros; *nós* – a sensibilidade // que imagina o comum – quando uma multidão”, quando os versos são separados em estrofes distintas mas comungam do mesmo pensamento confinado aos travessões. Esse recurso ainda pode ser visto na quinta estrofe. A separação das palavras “humanos” e “livres”, no verso que inicialmente era “uma assembleia de humanos livres”, possibilita a pluralidade de leituras. Na versão alterada, lemos:

que imagina o comum – quando uma multidão
deixa de ser um rebanho de escravos para
começar a ser uma multidão de homens

livres. De pé no chão da terra, bebíamos a água
que a luz do sol, cintilando, irisa
Nós que, para além de ti e de mim, somos

Dá-se, assim, a ideia da distância que existe entre uma multidão de homens e uma multidão de homens livres, e sobretudo dá-se a ideia do extenso caminho a ser percorrido na passagem de uma para a outra.

Ainda na quinta estrofe, encontramos as últimas mudanças mais significativas antes do desfecho do poema. “de pé no chão da terra discutimos o que fazer / pelas mãos em concha bebíamos a água / onde a luz do sol cintila irisando a” se torna “livres. De pé no chão da terra, bebíamos a água / que a luz do sol, cintilando, irisa”. O verso intermediário é suprimido e “bebíamos a água” passa a ocupar o verso anterior. A única alteração que Manuel Gusmão faz no manuscrito final e que não consta na versão impressa é a troca do advérbio “onde” pela conjunção “que”, registrando a adoção da norma culta.

Dessa forma, observamos no processo de criação de Manuel Gusmão a maneira como ele vai *complexizando* a sua escrita. Com base nos manuscritos que analisamos, não vemos um poeta que revela muitos momentos de dúvida ou de hesitação, com cancelamentos e omissões. Não encontramos também processos significativos de adição, com o acréscimo de novas palavras ou versos, nem de excisão, com a remoção de partes textuais. O que vimos foi um poeta essencialmente substitutivo, com a preterição de palavras ou trechos por outros. Isso significa um autor que compõe “Elogio da terceira coisa” com exatidão temática. O *esculpimento* formal do poema é feito posteriormente à escrita matriz, pelo que só num segundo momento de trabalho sobre o texto é que observamos o poema ser modelado. Nesse processo endogenético,

acompanhamos como o ato de reescrita serve para o autor pensar sobre o papel, tentando organizar o pensamento através do ato de escrever.

Está assim e há há a mesma coisa
aquela que responde ao chamado da morte
e assim toda a vida e a vida sem nome.
quando o mundo está separado em pedras por onde
passa o dia a dia e o tempo e o espaço
Não é um dia a dia a vida aconchegada e o tempo
Não é um dia a dia a vida aconchegada e o tempo
Quando o mundo está separado em pedras
em pedras de pedra que separam e
uma consciência de homem vivo
do que é a vida de todos os dias e que se
pode viver sem nunca saber o que é
o dia a dia e a vida aconchegada e o tempo
Não é um dia a dia a vida aconchegada e o tempo
a vida aconchegada e o tempo
e a vida aconchegada e o tempo
e a vida aconchegada e o tempo
e a vida aconchegada e o tempo

Fig. 1. Primeiro manuscrito: escrito à mão e sem alterações.

ELOGIO DA TERCEIRA COISA

Entre mim e ti há a terceira coisa
 aquela que nos ^{une sim e abismo} ~~põe no nome da mão~~ e ~~no pé~~
~~Não os almas de nós~~ ^{ainda} ~~os nomes todas das coisas~~ ^{em nome}

^{sem nome}
 Quando a multidão sagrada dos pronomes pessoais nos

permite dizer nós contra o tempo e o vento

Nós que aos cinco sentidos acrescentamos os outros (redn)

- Nós a sensibilidade que imagina o comum

- Quando uma multidão deixa de ser
 um rebanho de escravos para começar a ser
 uma assembleia de humanos livres

o pé no chão da terra discutimos o que fazer
 pelas mãos em concha bebíamos a água
 onde a luz do sol cintila ~~risando~~

 Nós que para além de ti e de mim somos
 a terceira coisa, o fantasma, o espectro
 que lhes continua a assolar o mundo

a terceira coisa : a promessa sem garantias
 a invenção do incomum que partilha o comum
 o comunismo que vem conosco
 e para além de nós recomeça a cantar

Fig. 2. Segundo manuscrito: duas páginas com o texto inicial digitado e impresso. Alterações feitas à mão.

personagens de Érico Veríssimo que estaria na luta “contra / o tempo e o vento” seria Eduardo Cambará, marxista e comunista militante, irmão do céptico Floriano. No livro, lemos passagens como estas:

[Eduardo, reunido com os companheiros na cédula do Partido Comunista] Estava examinando com interesse uma lista de nomes de pessoas da cidade e do município que simpatizavam com a causa do comunismo e que, dum modo ou de outro, poderiam ajudá-la. Por fim, reclinando-se contra o respaldo da cadeira, disse:

– Bom, precisamos estar preparados para o que vem por aí. Estou convencido de que o novo governo vai pôr o Partido fora da lei.¹

[Diz Floriano Cambará]

– É curioso – diz, esforçando-se por falar com naturalidade – que tanto o meu pai, homem do Estado Novo, como o meu irmão, marxista e comunista militante, pensem da mesma maneira com relação à minha atitude diante dos problemas políticos e sociais. Para um comunista, a pessoa que “não se define” é aquela que ainda não entrou para o P.C. Para o meu pai, homem de paixões, as coisas políticas e sociais são pretas ou brancas. Temos de escolher a nossa bandeira e matar ou morrer por ela. Só um intelectual decadente (acha ele) pode perder-se nos matizes, nos meios-tons. Certo ou errado, o importante para o macho é comprometer-se e participar da luta. Ora, eu chamo a isso “raciocínio glandular”!²

Vale lembrar que Érico Veríssimo é um dos escritores que integram o Romance de 30, período que explora a diversidade regional e cultural do Brasil ao passo que vigora uma perspectiva de denúncia social e de empenho político na chamada *estética do compromisso*. Nesse sentido, num outro poema que Manuel Gusmão conferiu a este Dossiê, também encontramos referência ao autor que se torna herdeiro do regionalismo de que Veríssimo faz parte, renovando essa tradição numa geração modernista já posterior e atingindo um dos pontos mais altos da literatura brasileira. Trata-se de Guimarães Rosa.

¹ VERÍSSIMO, Érico. *O Arquipélago*. São Paulo: Ed. Globo, 1997.

² VERÍSSIMO. *O Arquipélago*.

No poema sem título publicado no ano passado no editorial *Esteiro* (Ano IV, n. 8, Lisboa, set/2014), do Partido Comunista Português (PCP), Manuel Gusmão recupera o léxico da obra do romancista de Minas Gerais. Lembramo-nos do vocábulo no conto “Com o vaqueiro Mariano”, do início dos anos 1950, cujo universo depois veremos consagrado no romance *Grande Sertão: Veredas* (1956). No poema de Gusmão, pois, deparamo-nos com “a viagem do vaqueiro”, “as gerais”, “a noite do mundo”, “os cães que ladram”, “os lobos amarelos”, “a beira-rio”.

Mas mais do que propor referências de vocabulário, o poeta português constrói a sintaxe do poema, com toda a sua atmosfera, com um dos recursos recorrentes em Guimarães Rosa (que, como é sabido, não só conseguiu inovar no plano lexical, como também na tessitura sintática): convergindo experiências formais e ideológicas, Gusmão explora a dimensão universal das ações do vaqueiro, transformando-o no poeta que percorre essa “alucinante viagem” que é a escrita. A metalinguagem é metafórica: “O vaqueiro que fora até ao fundo sem fim dos gerais e / voltara com a poesia, para contar o que vira” são os versos que iniciam o poema, e mais à frente lemos: “E então chovia: a gota de água puríssima e mínima; / e chover era no Outono um princípio rítmico.” Na tentativa de criar esse “princípio rítmico”, o poeta é, portanto, aquele “Encapsulado na noite animal que ofegante respira”.

Numa outra versão, que agora publicamos neste Dossiê, Manuel Gusmão, acrescentando um título e uma epígrafe, revela de onde partiu para escrever o seu poema: de um poema inédito, sem título, publicado pelo poeta português Herberto Helder no jornal *O Público*, de 14 de maio de 2011. “O diálogo com Rosa vem já no poema de Herberto Helder, de onde é extraída a epígrafe”, diz-nos Gusmão. Ao compararmos a primeira versão publicada e a versão que publicamos agora, veremos que uma nova estrofe inicial foi acrescentada e as duas últimas estrofes sofreram alterações. Onde se lê “Encapsulado na noite animal que ofegante / respira. // Os cães gerais alucinam a viagem do vaqueiro procuram-no / com o focinho no cu uns dos outros. Ladram”, passa a ser “Encapsulado na noite animal que ofegantes gerais alucinam a / viagem do vaqueiro procuram-no // Com o focinho no cu uns dos outros. Ladram”. O último verso, “poisa uma gota de água como um uivo congelado.”, diferentemente da outra versão, aparece isolado agora. Com essas alterações, o poeta imprimiu um ritmo mais “ofegante” ao desfecho do poema, houve uma aceleração rítmica ao cortar o verso que continha apenas o verbo “respirar” e retirar

a repetição de “Os cães gerais”, tornando-os implícitos na criação de uma oração subordinada em “Encapsulado na noite animal que ofegantes gerais alucinam”.

Existe ainda mais uma versão de “Hoje, num poema de HH”, publicada na revista eletrônica *ESC:ALA* em fevereiro deste ano. Seria esta uma versão de transição: ela possui a estrofe inicial da versão que agora publicamos, mas as duas estrofes finais correspondem à primeira versão publicada na revista *Esteiro*.

Primeira versão publicada

O vaqueiro que fora até ao fundo sem fim dos gerais e
voltara com a poesia, para contar o que vira
está parado na noite do espírito; com as unhas separa dessa noite
a noite do mundo e mostra-a à matilha que
amareladamente parece de lobos –
correm à beira-rio e arrepiam o seu fluxo como se um vento fossem
que cortasse águas e pedras.

Os cães ladram à imagem dos lobos amarelos e é essa a música
que as anãs vermelhas dançam em torno ao Ouro Central:
um rio incandescente e
frio. Em cujas marés a lua se vem, músculo branco e
brando, deslocando a orografia da sílica,
do feldspato e da mica.

Sentados nos seus quartos traseiros os cães vigiam os quartos da lua e
farejam a gota de água que, antes suspensa, desce
agora, como uma nave espacial
– alumínio rosado e sonhador – desce
como se fosse um meteoro aéreo
que em aquoso se transformasse e então chovesse.

E então chovia: a gota de água puríssima e mínima;
e chover era no Outono um princípio rítmico. E
as cadelas fecundadas pelas águas férteis
pariam coralmente os lobos originais que abrem as fauces
até à raiz do uivo que é ainda inaudível.
Encapsulado na noite animal que ofegante
respira.

Os cães gerais alucinam a viagem do vaqueiro procuram-no
com o focinho no cu uns dos outros. Ladram
à generalidade amarela dos lobos que entoam o seu grito; –
ladram e são ladrados: o grande pânico
varre as florestas de neve e em cada folha
poisa uma gota de água como um uivo congelado.

Versão mais recente, concedida para este Dossiê

HOJE, NUM POEMA DE HH

*os cães gerais ladram às luas que lavram pelos desertos fora,
mas a gota de água treme e brilha,
não uses as unhas senão nas linhas mais puras,
e a grande constelação do cão galga através
da noite do mundo cheia de ar e de areia
e de fogo,
e não interrompe ministério nenhum nem nenhum elemento,
e tu guarda para a escrita a estrita gota de água imarcescível
contra a turva sede da matilha,
com tua linha limpa cruzas cactos, escorpiões, árduos
buracos negros:
queres apenas aquela gota viva entre as unhas,
enquanto em torno sob as luas os cães cheiram os cus uns
aos outros
à procura do ouro*

**(poema inédito de Herberto Helder, hoje publicado na
página 9 do P2, no *Público*)**

Os cães cegos do Mediterrâneo ladram hoje e hoje a tempestade à
lua que velozmente desaparecia dos gerais – a montanha, os desertos,
as florestas, o imenso mar sob a pedra frangível
e azul
e negra dos céus.
Entre a constelação do grande Cão e a cordilheira dos Andes
pairava na transparência do quartzo
uma gota de água mínima e puríssima.

O vaqueiro que fora até ao fundo sem fim dos gerais e
voltara com a poesia, para contar o que vira
está parado na noite do espírito; com as unhas separa dessa noite
a noite do mundo e mostra-a à matilha que
amareladamente parece de lobos –
que correm à beira-rio e arrepiam o seu fluxo como se um vento fossem
que cortasse águas e pedras.

Os cães ladram à imagem
dos lobos amarelos e é a essa música
que as anãs vermelhas dançam em torno ao Ouro Central:
um rio incandescente e
frio. Em cujas marés a lua se vem, músculo branco e
brando, deslocando a orografia da sílica,
do feldspato e da mica. –

Sentados nos seus quartos traseiros os cães vigiam os quartos da lua e
farejam a gota de água que, antes suspensa, desce
agora, como uma nave espacial
– alumínio rosado e sonhador – desce
como se fosse um meteoro aéreo
que em aquoso se transformasse e então chovesse.

E então chovia: a gota de água puríssima e mínima;
E chover era no Outono um princípio rítmico. E
As cadelas fecundadas pelas águas férteis
pariam coralmente os lobos originais que abrem as fauces
até à raiz do uivo que é ainda inaudível
Encapsulado na noite animal que ofegantes gerais alucinam a
viagem do vaqueiro procuram-no

Com o focinho no cu uns dos outros. Ladram
à generalidade amarela dos lobos que entoam o seu grito; –
ladram e são ladrados: o grande pânico
varre as florestas de neve e em cada folha

pois a uma gota de água como um uivo congelado.

* Agradecimentos a Manuel Gusmão por disponibilizar a publicação dos poemas e dos *fac-símiles*.

